

Os textos reunidos neste livro por Manoel Berlinck permitem acompanhar a migração problemática e fecunda do pensamento do autor, em seu movimento do campo das Ciências Sociais, no qual é bem conhecido, para o da Psicanálise. Ele poderia também ter intitulado o seu livro *Da Sociologia à Psicanálise* se tivesse querido parafrasear o título da célebre coletânea de Winnicott.

Tais migrações, este livro é um testemunho disso, têm o poder de trazer algumas lufadas de ar fresco para um pensamento e uma clínica que, talvez pelo fato de estar demasiado exposta aos efeitos da neurose (de transferência), seu objeto, tende sempre a uma certa estagnação, prisioneira do próprio hermetismo e de uma freqüente incapacidade de renovação. O pensamento clínico dos psicanalistas, constantemente exposto a esta desvitalização do pensamento e da ação característica do sintoma neurótico — exacerbado na situação de análise — parece correr, de fato, o risco de sofrer o mesmo empobrecimento, como se fosse sendo infiltrado pela compulsão à repetição própria do sintoma. E um pensamento clínico cronificado poderia acabar reduzindo-se a alguns clichês e suas variantes, envoltos eventualmente em formulações teóricas empoladas e sonoras, sem sequer se dar conta disso.

Os efeitos de surpresa, sempre salutares para nós psicanalistas, não faltam neste livro. Não é freqüente que um psicanalista se detenha na questão dos direitos humanos (“os direitos do cidadão”), como faz o autor ao afirmar, a partir do relato de uma experiência “clínica” com favelados em Campinas, que a garantia do uso da palavra não é suficiente, pois é também preciso que as pessoas “tenham

Reflexões sobre a clínica

Comentários a partir da leitura da obra de Manoel Tosta Berlinck, *Psicanálise da Clínica Cotidiana*, Editora Escuta, 1988, 218 páginas.

o que falar e essa não é uma questão automática”. O psicanalista, na verdade, está bem colocado para perceber isto, já que todo o seu trabalho está voltado para o que se apresenta como impossibilidade de ser dito, como mudez inquietante, no interior de uma fala à qual é dada toda a liberdade, o analisando tendo sido convidado a tudo dizer. Entre a resistência na análise, expressão do recalque, e a “resistência” no exercício da cidadania, expressão da repressão e das carências sociais em suas diversas formas, qual o elo?

Quantos psicanalistas começaram sua prática trabalhando com meninos “delinquentes” nas ruas de Osasco, tentando fazer sessões de psicanálise em bancos de praça, como as relatadas por Manoel Berlinck neste livro? Uma experiência que, é verdade, não foi muito longe, pois o nosso psicanalista-sociólogo, na época um pouco aprendiz de feiticeiro, teve que interrompê-la prematuramente, tomado por grande medo, ao perceber as cumplicidades obscuras de seus “pacientes” com a polícia e ao vê-los trazendo armas de fogo às suas “sessões”. Psicanálise selvagem sem dúvida em todos os sentidos do termo. Ainda que, é bom lembrar, Freud realizasse sessões com analisandos (bem diferentes de nossos Pixotes) que o acompanhavam em suas caminhadas; e, quanto a um término brusco, o final da *talking cure* de Ana O. com Breuer, quando esta se declarou grávida dele, faz parte hoje do folclore (verídico) dos psicanalistas. O leitor poderia ficar um pouco decepcionado com os poucos resultados tirados, à primeira vista, destas experiências, se não se desse conta que, para além do anedótico, elas suscitaram de maneira muito aguda no pensa-

mento do autor a questão do enquadre ou do *setting* na psicanálise e, mais geralmente, a questão das incidências do enquadramento institucional da formação analítica sobre a prática da psicanálise. Ora, estes temas são objeto de desenvolvimentos, por vezes muito interessantes, apoiados em vinhetas e flashes tirados de experiência clínica de consultório, e que ocupam a maior parte do livro.

Os elementos do enquadre (*setting*), insiste o autor, devem ser objeto de atenção e de análise constante, pois neles, e esta é uma de suas hipóteses importantes, “pode estar condensado, como resultado de uma projeção maciça, não só o seu erotismo (do analista) como aspectos narcisistas que se congelam no invariável”. O erotismo e o narcisismo do analista, sempre presentes nas elaborações de Freud e de Ferenczi sobre a contra-transferência, desaparecem, mostra o autor, nas conhecidas concepções de Paula Heimann, dos anos 50, sobre o “uso da contra-transferência”. Manoel Berlinck interpreta este fato como expressão de confiança desmesurada de P. Heimann na eficácia de formação analítica *standard*, tal qual era realizada pelas sociedades e pelos analistas didatas. O “resto inanalizável” do analista, tão caro a Freud e sobretudo a Ferenczi, enfatizado hoje por P. Fédida ou por C. Stein à sua maneira, como o motor da atividade do analista, dá lugar à idéia do analista sem restos, por assim dizer, ao analista formado... pelos institutos.

Um tal analista “cujo desejo se manifesta sem falha” seria nesta condição (o didata!) inanalizável, nos diz o autor, mesmo e sobretudo no interior das análises que ele próprio conduz.

Nesta linha de preocupações não é pois de surpreender que o autor se detenha em questões como a da “despedida” (no final da sessão), ou sobre o que faz o analista quando o analisando falta, ou ainda a do “intervalo” entre as sessões “deixar ou não um tempo de intervalo afetaria ou não a escuta?”, bem como às questões ligadas ao pagamento.

Num outro plano, vamos encontrar o sociólogo interrogando repetidas vezes o psicanalista com uma mesma pergunta: “Qual é o sujeito que sustenta, mantém uma estrutura em que o totalitarismo está fadado ao fracasso e retorna sempre?” O mérito quanto a este ponto reside mais na retomada desta questão angustiante que nas tentativas de resposta, apoiadas em minuciosas leituras de textos de Freud e de Lacan, mas que, em minha opinião, encontram-se ainda articuladas de maneira um tanto abrupta e esquemática.

Trata-se, no conjunto, de um livro estimulante e mobilizador, próximo da clínica até em seus aspectos mais prosaicos, mas por isso mesmo importantes, se tivermos presente a afirmação do autor de que “o cotidiano é o âmbito do enigmático exatamente porque é sem importância”.

Luis Carlos Menezes

Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae.